

# ANTONIO CANDIDO NA ALEMANHA

LIGIA CHIAPPINI E MARCEL VEJNELKA

*Freie Universität Berlin*

## Resumo

Montagem de alguns textos que foram escritos e publicados na Alemanha, para apresentar Antonio Candido ao público interessado em literatura e cultura nesse país.

## Palavras-chave

Literatura e sociedade;  
Recepção;  
Engajamento;  
Leituras;  
Releituras;  
Método;  
Forma;  
Antologia;  
Entrevista

## Abstract

*Collection of texts written and published in Germany to introduce Antonio Candido to readers interested in Brazilian literature and culture.*

## Keywords

*Literature and society;  
Reception;  
Commitment;  
Readings;  
Method;  
Form;  
Anthology;  
Interview*

## 1. Explicação necessária

(Ligia Chiappini)

Com Antonio Candido não nos podemos permitir repetições ou improvisações. Por isso, ao ser convidada para colaborar com este número da revista *Literatura e Sociedade*, que foi composto em sua homenagem, em vez de reapresentar algum dos textos já publicados no Brasil ou de apressar-me a escrever um novo, sem tempo para fazer como se deve, propus à colega Maria Augusta Fonseca, que me honrou com esse convite, fazer uma espécie de montagem de alguns textos que foram escritos na Alemanha, para apresentar Antonio Candido ao público interessado em literatura e cultura nesse País. Os textos que seguem esta apresentação explicativa, feitos em colaboração com Marcel Vejmelka, o tradutor de Antonio Candido para a língua alemã, consistem em: 1. Introdução e índice da antologia, *Literatur und Gesellschaft (Literatura e Sociedade)* que foi publicada em alemão no ano de 2005; 2. perguntas dirigidas a Antonio Candido em entrevista filmada e respostas, que compuseram as legendas do DVD em alemão; 3. Entrevista com José Galizi Filho, “Uma antologia na contramão”;<sup>1</sup> 4. Pequeno texto de apresentação de Antonio Candido, escrito em alemão, por Marcel Vejmelka, e publicado na revista *Tópicos*, da Sociedade Brasil-Alemanha, quando da primeira apresentação pública de uma parte da antologia já traduzida.

O objetivo dessa colagem de textos é dar uma ideia de como foram apresentados o autor e a obra na Alemanha. Por isso foram mantidas informações que, para o público brasileiro, podem parecer desnecessárias, mas que talvez até possam fazer sentido também no Brasil, principalmente para os mais jovens.

<sup>1</sup> In: Revista *Trópicos*. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2723,1.shl>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

O conjunto destes textos é bastante simples, mas o processo que permitiu chegar a eles, iniciado em abril de 2002, foi complexo e trabalhoso. A própria ideia da antologia teve que vencer primeiro a modéstia de Antonio Candido, que o fazia duvidar da necessidade de tal projeto. Depois foi necessário convencer editores e financiadores, o que levou mais de três anos, e, finalmente, foi preciso divulgar e conquistar leitores, a começar pelos estudantes e colegas da Universidade Livre de Berlim, processo que continua em curso.<sup>2</sup>

O trabalho foi cuidadoso, da escolha dos textos à sua tradução e revisão. Esta última foi feita em duas etapas e por pessoas diferentes. Na primeira etapa, eu mesma revisei e discuti com o tradutor as questões que diziam respeito mais diretamente ao entendimento dos textos de Candido. Na segunda etapa, Willi Bolle fez o mesmo com as questões de estilo, buscando juntamente com o tradutor as melhores opções para transpor à língua de Goethe certas passagens mais difíceis, em meio à enganosa simplicidade do ensaísta brasileiro.

No meio do percurso, em novembro de 2003, aproveitamos a presença de Walnice Nogueira Galvão em Berlim, para apresentar o projeto da antologia e fazer uma leitura de alguns trechos já traduzidos, aos convidados da Universidade Livre de Berlim e da Sociedade Brasil-Alemanha, na sede do então muito atuante Instituto Cultural Brasileiro (ICBRA). Depois de Galvão traçar o perfil do mestre, lemos alguns fragmentos em português e em alemão, tendo como principal objetivo testar a tradução junto a um seletor público de, aproximadamente, 40 pessoas. O debate que se seguiu foi tão interessante que nos convenceu do acerto da empreitada, revigorando-nos para continuar o trabalho até o fim.

Uma vez concluída a antologia, ela foi lançada num outro debate, na Embaixada Brasileira em Berlim, em 12 de julho de 2005. A cerimônia contou com a honrosa presença do então Embaixador Denot de Medeiros, que apoiou a ideia desde a primeira hora. Aí apresentamos também uma longa entrevista com o autor, gravada em DVD, que foi concluído quase simultaneamente à publicação do livro. Esse DVD, também ele intitulado *Literatur und Gesellschaft (Literatura e Sociedade)* foi pensado e produzido principalmente para compensar a ausência do crítico nessa solenidade. Devido à doença de sua esposa, a saudosa Professora Gilda de Mello e Souza, ele não pôde aceitar o convite que lhe havíamos feito para viajar a Berlim. Mas a qualidade da entrevista, ao mesmo tempo simples e profunda, elaborada e solta, acabou fazendo desse filme um produto que vale a pena divulgar mais amplamente. Por isso, com a concordância do entrevistado, o filme foi recortado em pequenos segmentos e está sendo disponibilizado na página *web* da cátedra de Brazilianística da Universidade Livre de Berlim, juntamente

<sup>2</sup> A antologia foi publicada pela editora Vervuert, de Frankfurt, com o apoio para as despesas iniciais concedido pela Sociedade Ernst Reuter, de Berlim. Os custos de tradução e revisão foram financiados com apoio da Biblioteca Nacional e do Itamaraty, com a mediação da Embaixada Brasileira em Berlim e do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, quando, em um debate com a comunidade brasileira nessa cidade, inteirou-se do teor do projeto, reconhecendo a importância de traduzir e publicar Antonio Candido em língua alemã e ajudou a agilizar a liberação dos recursos já aprovados para isso.

com outras entrevistas, realizadas no âmbito do projeto Alemanha-Brasil: Dinâmicas Transculturais e Ensaios Transdisciplinares, que, desde 2007, vem sendo desenvolvido em parceria com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.<sup>3</sup>

Esse filme revela aspectos mais ou menos conhecidos do intelectual, da obra e da pessoa de Antonio Candido. Foi concebido por mim e produzido em colaboração com Adilson Citelli da Escola de Comunicações e Artes da USP. Walnice Nogueira Galvão também participou, sobretudo na formulação das perguntas que diziam respeito a Sérgio Buarque de Holanda. Ana Luiza Escorel colaborou com as fotos, utilizadas na abertura operística que precede a entrevista. Esta, por sua vez, é pontuada pela música caipira, para sublinhar a tensão cosmopolita-nacional, formadora tanto da literatura brasileira, quanto da nossa melhor crítica literária e cultural. As questões abaixo transcritas, enviadas a Candido uma semana antes da entrevista, que ocorreu em 25 de março de 2005, serviram apenas como roteiro implícito, deixando mais espaço à criação do entrevistado,<sup>4</sup> que comenta livremente a antologia e alguns textos aí reunidos, bem como os contextos em que eles se situam.

Um pequeno incidente quase colocou o referido lançamento na Embaixada Brasileira em Berlim a perder, mas acabou por reforçar o interesse das aproximadamente 60 pessoas ali presentes. Conforme relatei posteriormente em carta, dirigida a Antonio Candido, o que ocorreu foi o seguinte: Depois de uma breve apresentação do projeto, feita por mim, dos agradecimentos de praxe e das gentis palavras de acolhida do Sr. Embaixador, preparamo-nos para assistir ao DVD. Aí começou o pesadelo. O filme começava e travava. Repetia as cenas iniciais e voltava a travar. Parecia feito de propósito, para ilustrar a tese de Antonio Candido, sobre a necessidade da releitura. Não dava para entender o que se passava, pois tudo havia sido testado com sucesso na semana anterior, para nada sair errado. Aí, quando já estávamos desanimando, tivemos a ideia de fazer uma pequena pausa, regada pela tradicional caipirinha. Enquanto isso, o pessoal responsável pela parte técnica resolveu o problema, trocando o aparelho, que esquentara muito, devido ao extraordinário calor do curto verão berlinense. Voltamos então para a sala e vimos tudo sem mais interrupções, do começo ao fim. O público, que já havia sido conquistado pelo charme do entrevistado, não desistiu e, apesar

<sup>3</sup> A página web da *Brasilianística* pode ser acessada no seguinte endereço: [http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle\\_projekte/brasilianischeintellektuelle/index.html](http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle_projekte/brasilianischeintellektuelle/index.html)

A tradução e divulgação dos ensaios de Antonio Candido deu início a esse projeto maior, ainda em elaboração, de pesquisa, seleção e organização de antologias da obra de alguns intelectuais que direta ou indiretamente realizaram um trabalho de transculturação, envolvendo o Brasil e a Alemanha, seguidas de entrevistas filmadas com diversos especialistas.

<sup>4</sup> O roteiro e direção foram da responsabilidade de Marcia Coutinho Ramos Jimenez, então doutoranda da ECA-USP. A montagem foi feita por Eliza Capai, ex-aluna da mesma instituição, que, juntamente com Marcia Jimenez e Renato Tavares também participou da filmagem. As legendas foram preparadas diretamente em alemão por Marcel Vejmelka, a partir das frases formuladas em português na entrevista registrada em áudio, sendo depois gravadas no DVD por Jarcel Itocazo, também da ECA-USP. A produção do DVD contou com o apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas bem como da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo.

do calor e da demora, não apenas acompanhou a projeção com interesse, como ficou para o longo debate que se seguiu a ela. Depois voltamos a conversar e beber suco e caipirinha, o que criou a oportunidade para folhear, comprar o livro e continuar a discussão que foi animada, agora em pequenos grupos.

Sobretudo os alemães mais velhos ficaram um pouco escandalizados com a admiração que Antonio Candido expressa, na entrevista, por Bismarck e pelo príncipe Bülow, mas isso não impediu que eles se sentissem tentados a redescobrir essas figuras da História alemã, a partir de um olhar mais distanciado e compreensivo, embora crítico.

A carta que relatava essas e outras passagens do lançamento ao mestre, terminava fazendo a seguinte brincadeira, que aludia, sem mencionar diretamente, ao fato de ele não haver autorizado a editora alemã a publicar sua foto na capa da antologia: “O Senhor pode ser que não fique famoso tão já na Alemanha, mas suas mãos já estão ficando muito populares. A idéia de utilizar essa imagem na capa foi de minha filha, Claudia Chiappini, a arquiteta. Eu gostei e, por falta absoluta de tempo, autorizei o trabalho sem consultá-lo, pelo que me desculpo agora.” Como não tocamos mais nesse assunto, acho que ele entendeu e aceitou minha pequena ousadia, mesmo porque essa foto, apanhando um gesto que diz muito dos cruzamentos e integrações do seu método de trabalho, acaba sendo um convite instigante ao diálogo, tanto no livro quanto no filme.

## **2. Texto de apresentação da antologia *Literatura, sociedade e vida*: breve apresentação de Antonio Candido e sua obra**

Ligia Chiappini e Marcel Vejmelka<sup>5</sup>

### **O autor e sua obra**

Antonio Candido de Mello e Souza, nascido no Rio de Janeiro em 1918, pode ser considerado, sem exagero algum, um dos mais significativos pensadores contemporâneos do Brasil e da América Latina. Tendo cursado Direito e Sociologia, tornou-se professor desta disciplina em 1942. Mas, simultaneamente, dedicou-se à Crítica Literária, por meio de resenhas, publicadas em jornais e revistas.<sup>6</sup> A partir de 1958 concentrou-se, também na docência e na pesquisa, em Literatura Brasileira.

<sup>5</sup> Ligia Chiappini foi Professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e, desde 2007, ocupa a cátedra de Literatura Brasileira (Brasilianistik) no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim. Marcel Vejmelka, tendo se doutorado sob sua orientação, na Universidade Livre de Berlim, é também tradutor, formado pela Universidade Humboldt, na mesma cidade.

<sup>6</sup> Um dos veículos dessa crítica sistemática foi a revista *Clima* (1941-1944), projetada por Alfredo Mesquita (escritor e jornalista) e Lourival Gomes Machado (sociólogo). Além deste, que era um jovem professor de sociologia na também jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, participaram ativamente no trabalho da revista, Antonio Candido, na crítica literária, Alfredo Mesquita, como escritor e alguns colegas da mesma Faculdade, em outras áreas da cultura: Ruy Coelho (crítica literária, ensaios, e, na segunda fase, crítica de cinema), Décio de Almeida Prado (teatro), Lourival Gomes Machado (artes plásticas), Paulo Emilio Sales Gomes (cinema, na primeira fase), Gilda de Moraes Rocha (ficção e crítica).

Desde cedo percebeu que o trabalho com essa literatura não se concebe sem uma perspectiva comparativa, no quadro mais amplo de suas relações com as tradições locais e globais. Por isso, na década de 60, resolveu criar, na Universidade de São Paulo, um espaço institucional mais adequado ao estudo teórico-crítico desse complexo: a área de Teoria Literária e Literatura Comparada, hoje um departamento com o mesmo nome e vários docentes, direta ou indiretamente por ele formados.

Em plena juventude começou a se fazer presente também na vida política brasileira, sem se deixar cercear por sectarismos ideológicos ou partidários. Entre 1945 e 1947, foi um dos criadores do Partido Socialista, como alternativa ao partido comunista brasileiro e, no início dos anos 80, já intelectual maduro, reconhecido nacional e internacionalmente, destacou-se como um dos fundadores e militantes de primeira hora do Partido dos Trabalhadores – o PT –, de cujos quadros saiu o atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Mais do que um militante partidário, Antonio Candido foi e continua sendo, porém, um militante-cidadão, solidário com movimentos sociais, que se empenham na defesa dos direitos da pessoa e de uma forma mais justa e solidária de democracia: o socialismo democrático.

Uma experiência tão rica e diversificada faz-nos reconhecer que se trata de um tipo cada vez mais raro de intelectual, aquele que, através de sua atividade abrangente e responsável, coloca-se a serviço da sociedade. Nesse sentido também se pode entender que represente tantos outros intelectuais brasileiros, de diferentes gerações, muitos dos quais o consideram mestre.

A obra completa de Antonio Candido é tão ampla e profunda que se torna difícil de abarcar. Ela abrange estudos de literatura, cultura, sociedade e suas complexas relações. Destaque-se especialmente a profunda e original pesquisa sobre a constituição da Literatura Brasileira como sistema articulado de autor, obra e público, da qual surgiu um livro em dois volumes, e hoje clássico: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959). Esse, pela sua abrangência e íntima coerência temática e formal, não seria possível divulgar aqui de modo fragmentado, por melhor que fosse o recorte escolhido. Mas vem a propósito assinalar a ampla significação do conceito de formação aí utilizado, para compreender um pouco mais dos ensaios que reunimos. Trata-se de um processo individual e cultural de formação e autoformação: *Ausbildung/Bildung*. Ser formado e formar-se, formando-se e transformando-se é como se deve ler esse conceito-chave para representar não apenas dois momentos decisivos do processo de que resultou a Literatura Brasileira, como sistema, mas também o modo de pensar, ensinar e escrever de Antonio Candido.

Em suas aulas, o professor dedicado, na opinião unânime de seus discípulos, juntava rigor e abertura, compreensão sem condescendência, servindo de exemplo ético e científico, mas incentivando os estudantes a caminhar pelas próprias pernas e pensar pela própria cabeça: a ser formado, formando-se e liberando-se do mestre. Nos seus escritos pode-se perceber também a atenção que ele dedica ao leitor, reconhecendo e defendendo o seu direito – direito humano – à cultura, à literatura e ao pensamento crítico.<sup>7</sup> Em estreita relação com essa postura extremamente demo-

<sup>7</sup> Com muita sensibilidade para a cultura chamada de popular, à qual dedicou estudos antológicos como os que fez da música caipira ou do cururu, sem cultuar a chamada alta literatura, tampouco aceita

crática e humana, está o fato de que Antonio Candido é também um excepcional representante da rica tradição ensaística, que, no pensamento latino-americano, tem um significado especial. Nas linhas e entrelinhas de seus densos ensaios, numa escrita que conjuga elegância, erudição e simplicidade, inscreve-se o princípio fundamental de que o acesso ao saber e ao conhecimento não deve ser sonegado, daí a clareza desse pensamento feito obra, que encoraja o leitor/a leitora a pensar junto.

## O método

Como já se vem reconhecendo, no Brasil e no exterior, sob a aparente simplicidade desse estilo ensaístico há não apenas uma alta erudição literária e histórica, como também uma reflexão teórica que se mostra cada vez mais atual, para além das modas passageiras de que são vítimas periodicamente as teorias literárias e culturais. Certas formulações desses ensaios estão muito próximas das que encontramos nos melhores autores que marcaram a teoria literária no século XX. Entre outros, em Auerbach, cuja força teórica tem muito a ver com a capacidade de análise demonstrada em seus escritos. Para o ensaísta brasileiro, também o trabalho teórico e analítico são indissociáveis, porque ele sabe que a teoria brota dos textos sobre os quais e a partir dos quais se teoriza e que sem atentar para a “força do concreto”, o que resta é a paráfrase mais ou menos disfarçada de teorias alheias.

Dialetizando dicotomias correntes na abordagem das obras literárias pela crítica sociológica, Antonio Candido considera a literatura como social, não apenas porque vive nas instituições ou porque tematiza aspectos da realidade social, mas porque, sendo ela própria instituição, sem deixar de ser invenção individual, constitui, reproduz e transforma essa realidade. A pergunta central na sua teoria é: “como o externo se torna interno?” E a hipótese, largamente demonstrada nos ensaios, é de que os fatores e processos sociais constituem a obra literária, através da formalização, operada por achados estruturais a identificar e interpretar. A estrutura aparece, assim, ao invés de estática, historicizada, como “momento de uma realidade mais complexa, cujo conhecimento adequado não dispensa o estudo da circunstância onde mergulha a obra nem de sua função”.<sup>8</sup> E cabe à crítica “ajustar-se ao texto analisado, devendo por isso não ser dogmática nem exclusivista [...], tendo sempre em conta a combinação constante da dimensão histórica com a dimensão estética”.<sup>9</sup>

A flexibilidade do método é, portanto, exigência da flexibilidade da própria literatura, simultaneamente ficção e documento:

Relativizando duas concepções, consideradas antagônicas de literatura, é possível dizer que as obras tendem, por um lado, ao documento e, por outro, ao livre jogo da fantasia. Não se pode dizer que ela é uma coisa ou outra, mas que pode ser uma coisa ou outra, encarnando-se numa extensa

sua demonização, reivindicando o direito de todos ao chamado cânone e à educação democrática, que deve possibilitar o acesso a ele.

<sup>8</sup> Antonio Candido. (1972) “Prefácio à 3ª. Edição”, *Literatura e sociedade*. São Paulo, Editora Nacional, 1976, p.XII

<sup>9</sup> Antonio Candido. Prefácio à coletânea. In: Jorge Ruedas de la Serna; Antonio Arnoni Prado. *Estruendo y Liberación, ensayos críticos*. São Paulo, Siglo XXI, 2000. p.13.

gama entre o “translúcido” e o “opaco” (para usar expressões correntes). No primeiro caso o texto parece “reproduzir”, no segundo parece “produzir”. (Mas sempre parece).<sup>10</sup>

Enunciado desse modo, pode parecer simples, mas praticar esse método e manter a coerência teórica que ele exige, não é nada fácil. Para dar conta de um texto e de suas relações com os seus vários contextos, o crítico precisa ler, reler, refletir, repensar, entrar no texto e sair dele através de outros textos, voltando a ele pelo filtro dos discursos aí articulados. Trata-se de ler a realidade aí representada como sendo pré-formada; e de descobrir essa pré-formação e a reconfiguração que o texto lhe dá, pela qual se evidencia que sociedade, quê história, quê grupo, quê valores, quê imaginário, quê discursos se atualizam nele e de que modo, nessa atualização, se geram novas significações, simbologias, verdades e valores.

O leitor sensível e informado, é, assim capaz de circular entre os detalhes, desconfiando da sua aparente casualidade e descobrindo os fios necessários que os amarram entre si e ao todo que se constrói, mesmo quando se trata de um texto fragmentado. O todo também é relativo, porém não deixa de ser um todo, que nem sempre ou quase nunca coincide com o que o escritor pensou construir. E a cada nova leitura podem-se concretizar novos desenhos holísticos. Para isso se requer um leitor paciente, atento às estratégias discursivas do texto mas também às ressonâncias da própria intuição:

Pessoalmente, penso que o ponto de partida do crítico deve ser a sistematização de suas intuições, nascidas de uma leitura perceptiva, numa espécie de aventura mental que depende da cultura e da sensibilidade de cada um. Confesso que inclusive nos meus trabalhos mais sistemáticos, sempre procurei manter essa liberdade de impressão, que empenha a opinião do crítico e desperta a ressonância do leitor.<sup>11</sup>

A novidade teórica de Antonio Candido é difícil de perceber e de valorizar, porque é uma espécie de “ovo de Colombo”, resultando de um mergulho incansante, rigoroso e prazeroso na concretude das obras, o que permite superar dogmas e obviedades de generalizações enganosas. Sua formação de quase jurista,<sup>12</sup> de sociólogo e sua militância na crítica literária e na política, permitiu-lhe construir um método integrador no exame das produções e processos culturais e sociais, que se constitui numa combinação rara e fina de sensibilidade e raciocínio.

## A proposta da antologia: quatro blocos e dois apêndices

Conhecido internacionalmente, Antonio Candido tem sua obra parcialmente traduzida e publicada em espanhol, francês e inglês, por meio de antologias bas-

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 14

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 14

<sup>12</sup> Antonio Candido não completou o curso de direito, mas aproveitou o que nele havia de formador no campo das Humanidades, como ele mesmo esclarece em carta recente: “Na Faculdade de Direito, o que me valeu mesmo foram os dois primeiros anos do chamado pré-jurídico, a primeira seção do Colégio Universitário, onde estudei com paixão História da Literatura, História da Filosofia, Psicologia, Sociologia, Geografia Humana, História da Civilização”. (Cf. correspondência enviada a Ligia Chiappini em setembro de 2004).



tante significativas. Em alemão, porém, havia somente dois ou três ensaios esparsos. As razões para ampliar a sua presença em língua alemã são várias. A principal delas talvez seja que sua obra, como muito da cultura acadêmica e artística brasileira, embora seja profundamente marcada pela cultura francesa, relaciona-se também, e mais do que se percebe à primeira vista, com a cultura e a literatura da Alemanha, país onde Candido esteve na infância e sobre o qual publicou o primeiro texto de sua vida, com apenas 16 anos.<sup>13</sup> Seus ensaios, de modo discreto mas constante, estabelecem um diálogo direto ou indireto com textos escritos em alemão, por teóricos e críticos da cultura, tais como Curtius, Auerbach, Lukács, Spitzer, entre outros, o que vem sendo inclusive objeto da pesquisa universitária.<sup>14</sup>

Os textos escolhidos para esta coletânea abordam tanto temas de interesse teórico geral, como temas histórico-literários que dizem respeito seja, diretamente, à Alemanha, seja ao Brasil e à América Latina. Certamente uma antologia, que apresente diferentes facetas da produção teórica, histórica e crítica desse grande intelectual brasileiro, nos últimos 60 anos, interessará a diversos leitores na Alemanha, sobretudo a docentes e estudantes preocupados com literatura e cultura no Brasil, na América Latina e com o diálogo que se estabelece entre eles e a Europa em distintas épocas e através de distintas estratégias.

É preciso lembrar ainda que, sobretudo na década de 90, as relações políticas, econômicas e culturais do Brasil com a Alemanha tenderam a fortalecer-se. Faz parte desse fortalecimento a criação de uma cátedra de Literatura Brasileira na Universidade Livre de Berlin, que é a primeira e única em todo o país.<sup>15</sup> Tra-

<sup>13</sup> O texto se intitula “Um pouco de história” e aqui vem transcrito em apêndice.

<sup>14</sup> Entre os trabalhos mais recentes, cite-se o texto de Leopoldo Waizbort, “Esquema de Antonio Candido”, publicado na revista de Sociologia da USP, primeiro semestre de 2002 e um mestrado de Érika Gonçalves sobre Antonio Candido e Walter Benjamin, defendido na USP em 2001, sob orientação de Willi Bolle. Não se trata aqui de buscar influências, mas algumas convergências, pois o método de Antonio Candido, como ele mesmo gosta de sublinhar, se constrói por uma peculiar mistura de diferentes fontes que se integram criativamente em seu ensaio, entre outras, a antropologia, sobretudo, inglesa, o new criticism anglo-americano (com destaque para Cleanth Brooks Jr. e a Kenyon Review), a crítica de rodapé nacional (de Silvio Romero a Augusto Meyer) e estrangeira, principalmente francesa (de Taine a Albert Thibaudet). A essas foi juntando, em permanente esforço de atualização, leituras várias como a da estilística espanhola e alemã, dos formalistas russos, dos estruturalistas franceses, do marxismo não ortodoxo, entre outras. Essa mistura integradora, e não um mero ecletismo, permitiu-lhe superar „o sociologismo inicial“, construindo o que ele considera modestamente um modo próprio de fazer crítica (cf. correspondência acima referida), mas que, na verdade, é também uma obra antropofágica de grande alcance teórico.

Para ter uma ideia da extensão e versatilidade da obra de Candido, consulte-se a monumental: *Bibliografia de Antonio Candido, textos de intervenção, seleção, apresentações e notas*, de Vinicius Dantas. São Paulo, Editora Duas Cidades, Editora 34, 2002. 2.vols.

<sup>15</sup> Infelizmente a política neoliberal europeia atingiu também a universidade alemã e, na década seguinte, decidiram-se uma série de cortes no orçamento, que atingem progressivamente alguns postos de trabalho, a partir do momento em que seus ocupantes se aposentam, o que vai ocorrer também com essa cátedra, depois de setembro de 2010. Em vez de expandir a iniciativa da Universidade Livre para outras universidades no país, o que ocorrerá será a volta mesmo aí a uma situação de mais de 15 anos atrás, quando a literatura e a cultura brasileiras serão tratadas como um setor, entre outros, da Literatura e cultura latino-americanas, pensadas como eminentemente hispano-americanas.

duzir e divulgar o pensamento de Antonio Candido é parte de um projeto maior de tradução e divulgação de pensadores brasileiros, desenvolvido por essa cátedra daí para a frente.<sup>16</sup>

Por isso mesmo, a antologia começa com uma seção de cinco textos, que se vinculam tematicamente à Alemanha. Isso ocorre em primeiro lugar como gesto de aproximação entre os dois mundos – Brasil e Alemanha –, aparentemente tão estranhos e inconciliáveis. Entretanto evidencia-se aí de que modo um intelectual da chamada periferia, estabelece um diálogo frutífero e frequentemente crítico com a Literatura e as Teorias provindas do chamado centro. Assim, no primeiro texto, em época ainda tão próxima dos acontecimentos históricos do nacional-socialismo, da Segunda Guerra Mundial e do extermínio que se processou em nome dos alemães, empreende-se uma defesa dos valores humanos e culturais destes, pelos quais, numa visão histórica de grande alcance, a Alemanha se mantém como referência civilizatória que tem muito a oferecer ao mundo. Da mesma forma, Antonio Candido nos alerta contra uma demonização apressada de Friedrich Nietzsche no pós-guerra e ressalta a sua profunda influência no pensamento ocidental. O texto seguinte, recentemente escrito e cedido especialmente para esta coletânea, conecta-se ao problema fundamental do convívio com o pensamento ambivalente. A leitura que faz aí do diário de viagem ao Brasil, de Ernst Jünger, apresenta de modo impressionante quão importante e frutífera pode ser uma análise criteriosa e sem preconceitos de um autor ou de uma obra.<sup>17</sup>

Por último, o crítico apresenta-nos Anatol Rosenfeld e Otto Maria Carpeaux, dois intelectuais que, provindo respectivamente de Berlim e Viena, tiveram que fugir dos nacional-socialistas, estabelecendo-se no Brasil, nova pátria, cuja vida espiritual acabaram impregnando fortemente.

No segundo bloco encontram-se alguns textos gerais, sobre a literatura e suas funções sociais, também se mostram bastante atuais, pois tocam problemas que não cessam de ser discutidos, como a questão dos direitos humanos, da democracia, dos limites entre ficção e realidade, da produção cultural e literária no mundo subdesenvolvido, ou menos desenvolvido, ou em desenvolvimento, como eufemisticamente chamamos hoje o Brasil e alguns outros grandes países do planeta. Aí estão textos já bastante conhecidos no Brasil e no exterior, como é o caso de “Crítica e Sociologia” (1961-1965), traduzido em espanhol e inglês,

<sup>16</sup> Destaque-se o trabalho que vem sendo desenvolvido em conjunto com Marcel Vejmelka e em parceria com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no âmbito do projeto intitulado “Alemanha-Brasil: dinâmicas transculturais e ensaios transdisciplinares”, acessível em breve na *homepage* do LAI e da FFLCH-USP.

Cf: [http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle\\_projekte/brasilianischeintellektuelle/index](http://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle_projekte/brasilianischeintellektuelle/index)

<sup>17</sup> Uma leitura desse texto, apresentada pela primeira vez em alemão, no Instituto Cultural Brasileiro em Berlim (ICBRA) e promovida pela Deutsche Brasilianische Gesellschaft, em novembro de 2003, despertou comentários interessantes por parte de leitores alemães de Jünger aí presentes, segundo os quais a perspectiva de Antonio Candido permitiu-lhes perceber a obra deste sob uma nova luz, de modo a superar a tradicional desconfiança com que é lida na Alemanha depois da segunda guerra, descobrindo nela novos horizontes, para além do proverbial militarismo.

onde se explicitam as limitações da perspectiva estritamente sociológica para dar conta dos textos literários, como forma. Esta não se entende sem o conteúdo, o qual, para utilizar uma expressão que se tornou corrente quase trinta anos depois, é pré-formado.

As teses básicas desse ensaio podem resumir-se como segue:

1. a análise estética deve preceder considerações de outra ordem, superando o reducionismo sociológico e igualmente o reducionismo formalista;
2. a integridade da obra só pode ser entendida “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”;<sup>18</sup>
3. o elemento externo “importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se interno”.<sup>19</sup>

Nessa segunda parte da antologia está também um texto pouco conhecido fora do Brasil “O direito à literatura” (1988), que podemos considerar um antídoto ao populismo midiático e ao pragmatismo extremo dos nossos dias. Um outro texto, mais antigo, que até mesmo no Brasil passou meio despercebido, é “Estímulos à criação literária”, de inspiração e fundamentação antropológica, e que poderia perfeitamente figurar dentro do que se faz hoje de mais sério na chamada “virada antropológica”.

Já o terceiro bloco exemplifica, pela análise de três clássicos da literatura brasileira, italiana e inglesa, o método analítico e interpretativo acima descrito. Os exemplos são os romances do brasileiro Manoel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias* (1854) e do italiano Verga, *I Malavoglia* (1981), e a peça *Ricardo II*, de Shakespeare (1597-1615). No primeiro romance explora-se a tensão entre ordem e desordem, como princípio estrutural tanto da obra como dos segmentos sociais e do momento histórico que ela ficcionaliza. No segundo, descobre-se o provérbio como articulador da narrativa e indicador do fechamento precário em que vive a pequena comunidade dos Malavoglia. No terceiro, a metáfora vegetal, da seiva-sangue, recorrente em vários níveis do texto, aponta para o princípio estrutural, em que se apoia o poder monárquico.

Finalmente, no quarto bloco aparecem ensaios preocupados em refletir sobre as relações literárias, culturais e históricas do Brasil e da América Hispânica, no que também Antonio Candido é pioneiro, tentando superar uma tradição latino-americana que Darcy Ribeiro denominava como um viver de costas uns para os outros, referindo-se ao desinteresse e desconhecimento mútuo entre os países de língua espanhola e o Brasil, país de língua portuguesa.

Como apêndice, dois pequenos textos que o autor cedeu, como ele mesmo explicou, a título de ilustração do seu interesse precoce pela cultura e história da

<sup>18</sup> Antonio Candido. *Literatura e sociedade*, p. 4

<sup>19</sup> *Idem, ibidem.*

Alemanha: “Um pouco de história” (sobre a obra política de Bismarck), já citado, e “Um verão em Berlim”, impressões de infância berlinense, reinterpretadas mais de 50 anos depois. Esse interesse precoce já demonstra algo que foi assinalado com muita pertinência pelo editor de Antonio Candido em língua inglesa, Howard S. Becker, ou seja, que o ensaísta, tendo optado por um trabalho intenso de pensar e explicar a literatura, a cultura e a sociedade brasileiras, escrevendo sobretudo em português, embora domine o inglês, o francês, o italiano, o espanhol e o alemão, não se confinou no beco nacionalista, mas esforçou-se para ver o Brasil no mundo, desenvolvendo desde adolescente uma sensibilidade especial que o ajudaria a amadurecer um modo de ser e de pensar, ao mesmo tempo brasileiro, latino-americano e mundial.

Como foi dito, um grande número de textos, dos ensaios mais elaborados e extensos a curtos e incisivos textos memorialísticos ou de intervenção, foram produzidos por esse grande estudioso. Alguns deles, como os que apresentamos nesta antologia, são uma pequena amostra de como temas variados, de Literatura brasileira, latino-americana ou mundial, bem como de Teoria Literária, ou outros, mais diretamente sociais, constituem boa parte de uma longa trajetória, boa parte de uma rica obra completa. Dessa abundância de temas, objetos e problemáticas foi possível fazer uma escolha abrangente, representativa e estimulante, para oferecer aos leitores alemães num primeiro encontro com Antonio Candido.

Espera-se que esse encontro propicie uma presença duradoura na Alemanha desse pensador, cujos ensaios encarnam exemplarmente, a partir da recriação individual e local, uma forma universal da expressão, capaz de, ao falar de textos, intertextos e contextos, dar a conhecer muito da vida humana.<sup>20</sup>

### 3. Índice da antologia

#### I. Textos relacionados com a Alemanha

1. Alemanha=Nazismo?
2. O portador
3. A viagem de Jünger
4. Dialética apaixonada

#### II. Textos gerais sobre literatura e sociedade

1. Crítica e Sociologia

<sup>20</sup> Nesse sentido, Antonio Candido poderia figurar no paideuma construído por Ottmar Ette que, inspirando-se na trajetória de Alexander von Humboldt, nos reapresenta, sob a luz do conceito de Ciência da Vida, a Erich Auerbach, Hugo Friedrich, Werner Krauss, Erich Köhler, Hannah Arendt, Roland Barthes, entre outros. Veja-se o recente livro do professor da Universidade de Potsdam, intitulado *Überlebenswissen: die Aufgabe der Philologie*. Berlin, Kulturverlag Kadmos, 2004.

2. Estímulo à criação literária

3. O direito à Literatura

### III. Textos analíticos

1. Mando e transgressão no *Ricardo II*

2. Dialética da malandragem

3. O mundo provérbio

### IV. Textos relacionados com o Brasil e a América Latina

1. Literatura de dois gumes

2. Literatura e subdesenvolvimento

3. Os brasileiros e a nossa América

### Apêndice:

1. Um verão em Berlim

2. Um pouco de História

## **4. Questões formuladas para antonio candido responder na entrevista filmada e gravada em dvd**

O DVD tem 40 minutos e consta de respostas do autor a perguntas feitas em *off*. A entrevista é precedida de uma breve apresentação biográfica, com fotos de diversas fases da vida do autor e seguida de fotos das capas de seus livros. No desenrolar da entrevista, Antonio Candido mostra alguns livros de sua biblioteca sobre a Alemanha, que acompanharam sua formação.

As perguntas abaixo foram pensadas, tendo em vista dois campos temáticos básicos e uma pequena conclusão, que poderia conter uma espécie de mensagem dirigida mais especificamente aos leitores da Alemanha. Naturalmente, na hora, as perguntas variaram um pouco conforme o rumo da conversa.

### **Primeiro Campo**

(a. sobre a antologia propriamente dita e a gênese de alguns textos que nela figuram. Por exemplo: motivações, contexto histórico, livros ou outros veículos em que foram divulgados em sua primeira edição, b. sobre algumas características da obra a destacar, entre outras, o trabalho com a forma na literatura, as relações entre crítica literária e outras disciplinas das ciências humanas, c. Sobre a importância da abordagem estética vinculada à antropológica, a relação entre

cultura e direitos humanos, d. outras questões que o autor sugerir para expor um pouco do que ele considera suas maiores contribuições, achados ou como se queira chamar para a crítica literária e cultural.)

Pergunta 1: A antologia tem quatro partes e dois apêndices. Na primeira há textos relacionados com a Alemanha, em que se tematizam autores como Nietzsche, Jünger, Otto Maria Carpeaux e questões polêmicas como o nazismo. Na segunda, textos gerais que tocam questões de caráter mais geral sobre literatura e sociedade, na terceira, textos analíticos que exemplificam seu método de leitura, especialmente como se articulam texto e contexto para além do mero paralelismo. Na quarta, aparecem ensaios sobre literatura e cultura brasileira, à luz do contexto das literaturas e das culturas latino-americanas. Dos apêndices falaremos mais adiante. Os textos escolhidos são de diversas épocas da sua vida. Que observações o senhor gostaria de fazer sobre essa escolha e sobre os diferentes momentos e circunstâncias em que eles foram gerados?

Pergunta 2: Nos seus ensaios mais analíticos evidencia-se um esforço no sentido de desvendar o modo como cada obra trabalha a forma, para também desvendar, a seu modo, os processos sociais e históricos. Como o senhor poderia resumir o método que acabou construindo para conseguir isso que pode parecer fácil mas que é bastante difícil de fazer?

Pergunta 3: Os estudos culturais, que têm ampliado muito o trabalho com os textos e a linguagem, acabaram deixando num plano muito secundário a função estética destes e, muitas vezes, para usar uma expressão sua, demonizando a literatura da tradição erudita, como sendo elitista e excludente. Seus textos contradizem isso? Por exemplo, “Literatura e direitos humanos”, que consta da antologia?

## Segundo Campo

(sobre a condição do intelectual no Brasil, engajamento e militância, fazendo ponte com a parte alemã da antologia.)

Pergunta 1: O senhor sempre disse que não gostava de fazer política, mas sempre militou. Como concebe a militância do intelectual especialmente no Brasil? Considera-se um intelectual engajado?

Pergunta 2: O senhor conseguiu militar sem sectarismo. É esse engajamento aberto, essa militância não sectária que o fez entender e defender a Alemanha e um pensador como Nietzsche em plena guerra?

## Conclusão

Pergunta 1: Já que estamos falando da Alemanha, fale um pouco de seu interesse precoce pela cultura e a história desse país, do qual os dois textos em apêndice na antologia são uma ótima ilustração. Um deles é o primeiro que publicou na vida, sobre Bismarck e sua política externa. Como chegou a escrever isso? Em que leituras se apoiou? Como seus colegas de colégio, leitores do jornalzinho em que foi publicado reagiram a ele?

Pergunta 2: Gostaria de dar algum recado especial aos leitores alemães?

## 5. Respostas de Antonio Candido, transformadas em legendas em alemão no DVD

### 5.1. Sobre as escolhas da antologia e sobre o seu método

*Multum est legendum, non multa.* Plinius, o moço

O professor dizia para a gente: precisamos ler muito, mas não muitas coisas.

Eu acredito que a escolha dos textos para esta antologia é uma escolha feliz, porque ela espelha diversos aspectos do meu trabalho. Abrange artigos da minha extrema juventude, passando pelos de minha maturidade e chegando aos mais atuais.

Também acho que ela é muito importante para mim, porque não contém apenas textos que expressam minhas posições ideológicas, mas também minha concepção do papel da análise literária para o esclarecimento das obras.

A análise prática é muito importante para mim. Eu não me vejo como um teórico, mas sim como um crítico pragmático.

Minha base é antes de mais nada a práxis da crítica. E este livro mostra essa minha posição muito bem.

A mim sempre impressionou a perfeição, a pompa, a elegância, a grandiloquência, a magnitude dos modelos teóricos e depois a extrema pobreza de sua aplicação prática. É tudo a mesma coisa.

Eu sempre tentei, na medida de minhas possibilidades, vincular meus poucos pressupostos teóricos à análise concreta das obras.

Eu penso que, neste livro, há uma parte analítica que traz exemplos desse meu esforço de vincular princípios teóricos com análise prática (...)

Além disso, há uma outra parte da antologia que mostra como meu interesse pela crítica literária e pela teoria se vincula com a cultura, a civilização e a sociedade.

Não penso de maneira alguma que a crítica literária deva ter como base as relações da literatura com a sociedade. Digo que as relações com a sociedade é um aspecto importante em muitas obras. E, quando isso é visível, precisa ser analisado.

A antologia deixa também visível como eu entendo a relação entre a criação literária e os valores, culturas e sociedades.

Meu esforço para mostrar como as motivações da criação literária se transformam em literatura é uma das minhas obsessões. Esse é um tema muito difícil. Meus pressupostos teóricos são mesmo banais. Muitas pessoas já os formularam. Os críticos em geral dizem que cultura e sociedade têm uma presença forte nos textos. Mas como mostrar isso? Essa foi sempre a minha questão. Eu tenho me esforçado para esclarecer isso.

Sou muito intuitivo. Não tenho um método preciso, uma receita para aplicar. Não tenho receitas. Minha impressão é que a saturação da leitura e a paixão pela crítica é o mais importante para o crítico. Eu pensei nisso, eu pensei nisso... eu li, eu li... de repente eu tive algumas ideias sobre isso. É o que aparece sobretudo

em alguns ensaios. Minha impressão é que, no início, eu tinha dificuldade em passar isso para o leitor. Talvez eu consegui encontrar uma saída quando eu já era maduro. Lá pelos 40 anos.

Então escrevi um ensaio sobre a épica do poeta Santa Rita Durão, com o título de “Estrutura do Caramuru”. Acho que saiu publicado em livro como “Estrutura literária e função histórica”, se bem me lembro. Foi primeiro uma conferência e depois um ensaio, no qual eu tento mostrar como a convicção do autor se transforma num elemento de construção da estrutura da obra. Não é uma formalização. É um princípio que vem de dentro e organiza a obra como um todo.

No caso do *Caramuru* temos, por exemplo, o choque de culturas. Os portugueses em face dos índios. O cristianismo, que quer submeter o índio com suas crenças primitivas. Isto não é só uma afirmação teórica do poeta, mas enforma todo o poema. O poema inteiro é construído como conflito, choque, como contraponto. Isso aparece nos versos e na ordenação das estrofes.

A partir daí, a partir de 1958-59, quando eu já tinha completado 40 anos, me senti mais seguro. Senti que nas obras fortemente vinculadas cultural e socialmente, podia mostrar como a organização e a estrutura da sociedade se transformava em organização interna das obras.

Isso se nota, por exemplo, no ensaio “Dialética da malandragem”. Aí temos uma ordem social meio caótica no Rio de Janeiro do início do século XIX, uma série de incertezas das funções sociais, uma liberdade de comportamento, porque as regras não são rígidas. Temos um livro com uma labilidade, uma alegria de viver admiráveis. Isso está no livro e está na sociedade. Não digo que a sociedade tem isso e o livro reproduz isso. É uma homologia: A sociedade é assim, o autor foi sensível o suficiente para criar no seu livro uma sociedade fictícia assim. Como se transforma então a estrutura social em estrutura literária? Essa é a questão.

A vida com as obras literárias precisa ser constante, pois o que a obra nos ensina é sempre insuficiente. Ela é infinita diante da nossa finitude crítica. Nós, críticos, somos finitos. A obra é sempre infinita. Pois ela tem suas raízes no mais profundo do ser, consciente e inconsciente e atmosfera cultural do momento... isso tudo o autor não sabe, essa infinitude que ele cria. Ele tem uma ilusão em relação a sua obra. E a força da crítica consiste em mostrar como a obra vai além do autor. O autor frequentemente se surpreende com o que o crítico diz. Ele pensa que o crítico está errado. Mas não é assim. O crítico vê o que o autor não podia ver, pois o autor é um criador, não um analista.

Para penetrar profundamente numa obra, é preciso conviver longamente com ela. Para isso não tenho método, fichas, catálogos, nenhuma pesquisa crítica. Eu convivo simplesmente com as obras. Minhas leituras são limitadas, pois eu sou um leitor obsessivo. Muitos livros eu já li mais de 30 vezes, muitos romances mais de 20. Poemas, 400, 500, 1.000 vezes. Muitos poemas eu recito para mim todos os dias, antes de dormir. Ao recitar o poema novamente para mim, aparecem novas intuições, e essas intuições são o motor do trabalho crítico. Por mais



racional que o crítico queira ser, a obra crítica é a racionalização de uma intuição. E essa intuição vem em grande parte do irracional, das profundezas.

E, quando eu, na idade avançada em que estou, volto aos velhos textos que me são familiares, experimento a surpresa de ver que eu só agora os entendo. Mas muito ainda ficará por entender, mesmo que eu vivesse 400, 500 anos. Teria que passar minha experiência para meus netos, bisnetos, tataranetos e eles então poderiam descobrir...

Assim, a repetição é fundamental. O crítico deve ler muito e reler muito.

Com a poesia é fácil, porque a poesia é curta. Mas um livro como *A montanha mágica*, ou *Em busca do tempo perdido*, não dá para ler 500 vezes... Eu, como proustiano fanático, li a “*Recherche*” só duas vezes de cabo a rabo, mas pego sempre um volume e leio um pouco mais. *A ilustre casa de Ramirez*, de Eça de Queiroz, eu não posso dizer quantas vezes eu já li, talvez 30, 20 vezes. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, mais de 30. *Grande sertão: veredas*, esse eu leio sempre, não todo, naturalmente... *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, eu li talvez 30 vezes.

Assim, eu creio que, quando se tem paixão e paciência, para repetir ao infinito o contato com a obra, tem-se cada vez mais intuições. A gente tem alguns princípios teóricos, e esses podem então serem utilizados para esclarecer a obra, a partir dessas intuições e não o contrário, não por eles mesmos, mas por causa dessa intuição que dá vida e carne a eles.

Quanto ao problema da desqualificação da beleza e do estudo da beleza... A palavra estética é hoje uma palavra proibida. Eu não posso analisar isso, pois fica fora do meu tempo e contradiz toda minha formação.

Eu sou um homem formado nas décadas de 30,40 e 50. Os elementos da minha formação têm suas raízes nesse tempo. Primeiro vem a formação, depois a informação e esta não me influenciou mais profundamente.

É preciso muito esforço intelectual para construir uma visão de mundo. Essa visão de mundo é construída com ajuda de um aparato filosófico, histórico, literário e assimilada. Com essa formação e esse esforço, construí, então, a minha modesta visão de mundo. E eu não abro mão dela. Ela me basta para ver o mundo, a arte, a literatura.

## 5.2. Sobre o engajamento político

Então chego à sua pergunta sobre minha posição política. Eu sou de esquerda e muito próximo do marxismo. Vivi sempre com grupos de esquerda. No interior desses grupos sempre lutei contra certas tendências. Os grupos de esquerda dizem, por exemplo: “O importante na obra literária é o tema.” Importante seria, por exemplo, *Cimento*, de Fjodor Gladkow, porque ele descreve o trabalhador. Importante seria a luta do trabalhador, a luta de classes, a descrição da miséria, da pobreza, dos judeus sem dinheiro de Michael Gold, o *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus... o resto seria burguês, perfumaria. Contra isso eu lutei sempre. Pois o importante na obra de arte literária não é o tema, mas o tratamen-

to do tema. O que dá solidez à obra, uma certa durabilidade e a algumas delas mesmo imortalidade, não é o tema: é o tratamento que o artista empresta a esse tema. Se hoje se descuida do tratamento e o tema é tratado como fundamental, então estamos caindo no mesmo erro das esquerdas da minha juventude, que diziam ser importante falar sobre o trabalhador, como em romances extremamente ruins, quase de analfabetos, que falavam de trabalhadores e, por isso, eram tidos como mais importantes.

Contra isso eu sempre lutei. Contra essa posição que valoriza o romance de esquerda, haveria que valorizar a obra que encontra uma forma estética capaz de valorizar esse tema. Não se trata do tema, portanto, mas do seu tratamento.

Não sei se vejo bem. Eu teria que me informar melhor pois estou mal informado sobre o que se passa atualmente. Mas tudo indica que se trata de uma supervalorização dos temas e de um descuido do tratamento. E isso é um grande equívoco.

Quanto ao engajamento, o intelectual é também um cidadão. Ele vive sempre numa espécie de esquizofrenia: Como intelectual, ele tem obrigação de usar a inteligência, de produzir, de escrever... Como cidadão, pode ele ser ainda ativo politicamente. Assim ele se completa e se torna um homem do seu tempo.

Paulo Emilio Salles Gomes, um grande amigo e meu guru político dizia: “Cada época tem sua tarefa preferencial. No nosso tempo para a juventude era a política. E eu trouxe essas ideias comigo. Não tenho atração pela política, não gosto de política”, nunca tive talento para a política, mas sempre militei um pouco, porque me senti sempre levado por essa obrigação.

Minha vida política foi sempre esporádica: de 1942 até 1954 engajei-me bastante na política. Depois de 1954, não mais. Voltei à política no tempo da ditadura, nos anos 60. Fiquei novamente ativo no final dos anos 70 com o Partido dos Trabalhadores. Depois, em 80. Mas eu preciso dizer que um escritor, um artista, do meu ponto de vista, não tem obrigação de participar na política. O intelectual, como cidadão sente a necessidade de participar, e isso, na medida de suas possibilidades. As minhas eram limitadas, mas eu sempre participei um pouco.

### **5.3. Interesse pela literatura, cultura e história da Alemanha**

Tive sempre essa visão não-sectária da participação política e isso pode ter contribuído para minha atitude diante da Alemanha.

Eu era já adulto, tinha 21 anos, quando a guerra começou. Quando ela acabou, eu tinha 26, 27 anos. E a guerra teve uma longa repercussão. E havia entre os intelectuais também a ideia de que a Alemanha era diretamente responsável pelo nazismo. Que a Alemanha era culpada do nazismo. Essa posição sempre me chocou. Sempre. Eu parto do princípio que todo povo, todo grupo de pessoas, quando devidamente condicionadas, podem praticar o mal extremo. Qualquer um de nós.

Senti cedo que o que ocorria na Alemanha tinha que ver com um condicionamento diabólico. O símbolo disso é o Dr. Goebbels, um gênio da propaganda.

Não apenas ele, mas ele canalizou isso de forma genial. Essa propaganda nazista era tão efetiva, que o mundo acreditou: o nazismo seria, assim, a Alemanha. Isso eu nunca aceitei. Nunca. Já durante a guerra, eu distinguia claramente entre a Alemanha e o nazismo, numa entrevista, num artigo que escrevi no meio da guerra, sobre um grande antropólogo, que eu respeitava, Radcliffe-Brown. Um artigo respeitoso, mas que o contradizia. Ele pensava que a Alemanha deveria ser castigada com a divisão. Isso me pareceu bárbaro, pois, para mim, o nazismo era algo monstruoso – que sempre me interessou, cheguei a reunir uma pequena biblioteca sobre o tema—o nazismo era uma monstruosidade na Alemanha, como o stalinismo na Rússia ou em outros lugares, como o Khmer Vermelho no Camboja. Como poderia ter sido no Brasil.

Então escrevi em plena guerra um artigo em que defendia a tese de que o nazismo não era a mesma coisa que o povo alemão. Isso me trouxe problemas. Eu era um homem de esquerda. Então isso me trouxe problemas.

Não sou germanista. Leio mal alemão, só medianamente. Não sou especialista na cultura alemã. Mas ela sempre me atraiu e interessou muito.

Eu creio que é muito bom que se dedique uma parte desse livro para lembrar esse meu interesse, que durante toda a minha vida eu tive. Gostaria também de sublinhar que muito me alegrou que nessa parte fosse reproduzido o texto, no qual tentei desvincular Alemanha de nazismo.

E um outro texto em que eu analiso Nietzsche, num tempo em que ele era tido no Brasil como precursor do nazismo. Nesse texto eu tento mostrar a dignidade da cultura alemã, independente das perversões ideológicas, não apenas na Alemanha mas em qualquer lugar do mundo.

Eu não podia aceitar que Nietzsche teria sido um precursor do nazismo. Isso tinha também um motivo pessoal: Meu pai era um nietzschiano apaixonado. Ele tinha as obras completas de Nietzsche e o tinha lido ao longo de toda sua vida.

O guru do meu pai não podia ser nazista. Esse era meu primeiro pensamento. Daí veio minha paixão por Nietzsche. Depois, meu professor de filosofia, Jean Maugué, deu, em plena época da guerra, no ano de 1940, um curso sobre Nietzsche. Aí eu li muito Nietzsche e desenvolvi uma pequena teoria pessoal da ascese: A lição de Nietzsche era antes de tudo uma proposta para que as pessoas se superassem a si mesmas. A ascese do super-homem não é nazista, é humanista.

A pessoa toma o melhor dela mesma, a humanidade, a força, para construir uma civilização que a transcenda. Eu penso, para mim essa é a essência de Nietzsche. Então escrevi em 1946 dois artigos sobre Nietzsche, que se tornaram conhecidos e me trouxeram alguns aborrecimentos.

Meu amigo de esquerda, por exemplo, meu grande amigo Lívio Xavier, um velho trotskista, me disse: “seu artigo é muito comprometedor e muito problemático”.

Pode-se tirar nazismo de Nietzsche como de Platão, de Hegel ou de qualquer outro.

Meu interesse pela Alemanha apareceu cedo. Preciso explicar o seguinte:

Eu nasci em 1918, quer dizer, durante a Primeira Guerra Mundial. Minha família, meu meio eram fortemente contra a Alemanha. A sua paixão, sua inclinação era pelos aliados. Meu pai interessava-se muito pela Primeira Guerra. Ele descrevia para mim com as batalhas, as grandes ações contra a Alemanha. Na verdade, meu pai era um médico e se interessava muito pela medicina alemã. E também por Nietzsche. Ele morreu muito cedo, então nunca conversei com ele sobre esse assunto. Mas, pensando bem, ele também fazia a diferença. Do nazismo ele não chegou a ter conhecimento, mais da Primeira Guerra. Ele distinguia a Alemanha de Guilherme II, a Alemanha Imperial, da Alemanha dos médicos, dos artistas, de que ele gostava. E também Nietzsche. Minha mãe, sim, tinha uma terrível germanofobia. Não gostava de alemães. Quer dizer, ao contrário do meu pai. Ele não tinha nada contra a Alemanha. Ela não gostava. Os alemães, para ela, eram militaristas, eram da guerra. Guilherme II, com aqueles bigodes... E isso ela passava para a gente.

Nós estivemos bastante tempo na França. De lá, fomos para a Alemanha e, estranhamente, eu me interessei logo e muito por esse país. Eu tinha 10 anos, era um leitor precoce. A partir dos 9, devorava tudo. Li coisas que estavam acima das minhas possibilidades. Não apenas gostei da Alemanha, mas apaixonei-me pelas lendas alemãs. Eu queria mostrar um livro que comprei em Wiesbaden e que li quando tinha 11 anos, *As lendas do Reno*, em tradução francesa. Aqui está, Dr. Guilherme Ruhland. Esse livro me fascinou: *A Lorelei...* eu fazia coleção de cartões postais e me interessei bastante pela Alemanha. Li muitas lendas: os *Nibelungen*, os anões, que são tão importantes na mitologia alemã.

Li muito sobre isso e, em Berlim, não sei por que, nos museus, talvez, desenvolvi uma paixão por Frederico I, o rei da Prússia. Ele era um de meus heróis.

Este cartão postal que você está vendo, comprei em Berlim, quando eu tinha 11 anos de idade. Depois coloquei-o numa moldura e ele ficou tempo na minha mesa de trabalho, na casa de meus pais, em Minas Gerais. Frederico I, o único, o grande, o velho Fritz. E suas histórias me fascinavam. Meu pai me levou para ver o moinho de Sanssouci, o famoso moinho. E eu me fascinava. Queria que meu pai comprasse um busto do Frederico I, que eu sempre via na vitrine, de bronze, mas ele dizia: busto não. É muito caro. Cartão postal eu compro mas busto não. Eu tinha vários cartões postais de Frederico I. Era um culto que eu tinha por Frederico I. Eu o admirava, li muito sobre ele. Esse foi o começo. Depois, quando eu tinha 13 anos, ocorreu o mais importante: a minha extraordinária paixão pelo *Fausto*, de Goethe.

Meu pai tinha a tradução portuguesa de Castilho. Eu li o *Fausto* com 13 anos de idade, em português, e me apaixonei. Nessa primorosa edição de Castilho. Representei com meus irmãos cenas do *Fausto*. Minha mãe cantava muito árias da ópera italiana, e ela cantava para nós “Mefistófeles”, de Boito e “Fausto”, de Gounod. E isso me fascinava. Especialmente a figura de Mefistófeles. E do velho Fausto.

Minha vida inteira eu li o *Fausto*. Eu não posso dizer a você quantas vezes eu li o *Fausto*. E, como menti em tudo, eu diria que li o *Fausto* completo mais de

200 vezes. Eu li o *Fausto* em português, na tradução de Agostinho de Ornellas. Depois, uma maravilhosa tradução francesa, que meu pai tinha, de Camille Benoît, em prosa, uma prosa maravilhosa... Depois li a tradução inglesa de Bayard Taylor, em dois volumes, depois a alemã em edição bilingue, a italiana, na tradução de Franco Fortini... E comparei tudo com o original alemão. *Fausto* foi uma das minhas obsessões. E o *Fausto* de Goethe foi um elemento importante para a formação da minha visão de mundo.

Digamos que é a visão de um ignorante. Pois de Goethe o que eu conheço bem é só o *Fausto*. O *Wilhelm Meister*, eu comecei mas achei tão monótono que desisti. *Hermann und Dorothea*, achei também monótono e *Werther*... tão choramingas...

Mas o que eu li de Goethe, que até hoje me impressiona, foi o *Fausto*. Eu tenho toda uma prateleira de *Fausto*. O *Fausto* foi para mim uma grande fascinação, uma lição de vida, de filosofia, uma reflexão sobre o mundo. Um dos meus formadores, foi o *Fausto*. Eu não sou germanista, leio mal alemão, conheço mal a cultura alemã, mas tive uma grande obsessão, o *Fausto*.

Ainda por causa de Frederico I, eu queria saber como o Estado prussiano foi formado. Ou seja, voltei-me para o grande príncipe. Nós morávamos na *Kürfürstendamm* e eu queria saber quem era esse *Kürfürst* da *Damm*? Assim, o grande príncipe, o grande rei, o rei soldado, Frederico I, depois, o Frederico II. E, daí por diante, a história da Prússia. Desde minha infância li muito desde o grande príncipe até o nazismo. E a obra de Bismarck foi também uma das minhas obsessões. Eu li um livro modesto sobre ele, sua biografia por Emil Ludwig. Li quando criança, mas depois li mais. Quando eu era mais velho, meu pai comprou para mim “A vida de Frederico I”, em dez volumes! Eu confesso, que não li tudo, mas sempre voltei a ler, os planos de batalha...

Li a autobiografia, as memórias de Bismarck. Eu gosto de Bismarck: “Pensamentos e lembranças”, três volumes, dois grandes e um pequeno. E ainda em letra gótica, que eu sei decifrar bem. Pois o pouco de alemão que eu sei, aprendi em letra gótica. Eu escrevo também em boa letra gótica. Aqui está, vejam, o livro “Pensamentos e lembranças” (“*Gedanken und Erinnerungen*”).

Eu era fascinado por Bismarck e meu pai me dizia:

“Bismarck era uma pessoa extraordinária. Muitas vezes acordava de noite e dizia, de manhã cedo: ‘odiei a noite inteira’”.

A obra do reino alemão é uma obra extraordinária de construção política. Assim, eu li sobre Bismarck, sobre sua vida, suas memórias, um livro importante de Eich, uma biografia de Bismarck. Uma pessoa que me fascinou. Você entende?

Meu pai tinha na sua biblioteca muito sobre a Alemanha. Ele se interessava muito pela Alemanha. Eu lia um pouco de Lichtenberg sobre a Alemanha, em francês. Li o livro de Bülow, “*Deutsche Politik*”. Assim me interessei pelo príncipe de Bülow. Como se vê no meu pequeno texto dessa época, que aparece como apêndice na antologia. Eu li a tradução francesa das memórias do príncipe de Bülow, que me fascinou. Um político malandro, uma raposa. Mas um escri-

tor maravilhoso. Um alemão fácil. Um alemão para latino ler. Fácil e agradável. Grande escritor.

Depois da guerra encontrei suas memórias em quatro volumes... que aqui estão na edição original. Com um brasão, o brasão dos Bülow.

Isso eu tinha visto sempre aqui na Avenida Paulista: lá mora um Bülow, o diretor da “Antártica”, com esse brasão, “*Poscimur*”, igual. Aqui na Avenida Paulista.

Esse livro me fascinou, li muito aí. Aí está o príncipe von Bülow, Bernhard von Bülow. Li muito sobre ele. Um malandro, como político, mas seu livro é fascinante.

Eu conto isso tudo, para mostrar meu interesse precoce pela política alemã. Li uma história francesa sobre a Alemanha, de Edmond Vermeil. Li Lichtenberg e Charles Andler sobre Nietzsche. Tudo isso eu li. Uma biografia francesa sobre Nietzsche... E repito: a história alemã, a formação do Estado da Prússia, depois, do império alemão me fascinam ainda hoje. Leio até hoje sobre ela.

#### 5.4. Sobre Sérgio Buarque de Holanda e a Alemanha

Eu era um grande amigo de Sérgio Buarque de Holanda, e escrevi muito sobre ele também depois de sua morte, dez textos aproximadamente. Um artigo foi sobre a influência da cultura alemã na sua obra. Esse saiu na *Revista do Cebrap*. Depois num dos meus livros... creio que foi em *Vários escritos*... A influência alemã foi básica para Sérgio Buarque de Holanda. Ele foi para a Alemanha como jornalista. Como correspondente dos “Diários Associados”, e lá ficou por dois anos. Morava em Berlim...

Sérgio Buarque de Holanda é um caso notável, muito brasileiro. Ele teve formação de jurista, não possuía formação alguma especial em Filosofia ou História, mas tinha essa fome de saber, que é muito brasileira.

Sérgio Buarque de Holanda era a pessoa mais erudita que eu já conheci. Nunca conheci fenômeno igual. E, com ele, a gente sentia fortemente o que era a vida na Alemanha, no final da República de Weimar.

Eu estive em Berlim, quando criança, com 10, 11 anos. Então eu não sabia nada, não via nada. Sérgio me fez conhecer. Eu contei para ele, por exemplo, que, a nossa casa ficava ao lado de um teatro. Eu e meus irmãos costumávamos olhar as pessoas lá embaixo, que pintavam no chão a figura de um palco. E muitas vezes havia um homem dando instruções. Penduravam roupas para secar. Sérgio disse então: “esse teatro era do Piscator!” Ou seja, aquele homem devia ser o grande Erwin Piscator! Assim Sérgio me iniciava nas coisas berlinenses, que eu como criança não poderia saber, mas das quais me lembrava.

A canção à qual Walnice se refere era de um filme, que Sérgio traduziu. Passa-se na Hungria. Havia aí um famoso regimento dos mosqueteiros de Honvéd. E o herói era desse regimento. Era uma canção muito divertida, que Sérgio traduziu muito bem para o português, em magníficos versos.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Aqui Antonio Candido recita os versos, de memória, em alemão.

Ter um livro meu em alemão é uma honra com a qual eu não contava. Graças à minha colega e ex-aluna, Ligia Chiappini, hoje professora na Alemanha. Eu sou formado sobretudo pela cultura francesa, minhas relações culturais foram sempre voltadas para a França. Nunca pensei que eu, nesta fase avançada da minha vida, teria um livro meu em alemão. Isso pode ser visto como um coroamento, pois, como se diz no nosso tempo: O alemão é a língua da Filosofia e da Ciência.

## 6. Uma antologia na contramão<sup>22</sup>

(Para os professores Ligia Chiappini e Marcel Vejmelka, organizadora e tradutor da primeira reunião de textos de Antonio Candido na Alemanha, o crítico brasileiro pode ser um antídoto à predominância dos estudos culturais no país.)

A publicação da primeira antologia de Antonio Candido em alemão, "*Literatur und Gesellschaft*"<sup>23</sup>, organizada pela professora Ligia Chiappini, titular da cadeira de Brasilianística da Universidade Livre de Berlim, e traduzida por Marcel Vejmelka, professor adjunto da Universidade de Potsdam, é resultado de um trabalho de mais de dois anos em colaboração com Antonio Candido e vai de encontro à diluição dos estudos brasileiros no quadro geral da América Latina nas universidades alemãs.

"No caso da literatura, o Brasil sempre foi um apêndice de Portugal, nos departamentos de Romanística das universidades, ou dos estudos hispano-americanos, nos departamentos ou institutos latino-americanos. E aí também a situação piora dia a dia, com o português fazendo parte de uma estrutura que sempre privilegia o espanhol", diz Chiappini, que vê na divulgação do método dialético de Candido, formado na estilística de Leo Sptizer e Auerbach, um antídoto a uma linha dominante de pesquisa nesses institutos, a saber, à falsa dicotomia entre estudos literários e culturais, hegemonicamente marcados pela escola americana.

Ligia Chiappini foi professora titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP, onde defendeu tese de mestrado, doutorado e livre-docência com Antonio Candido. Desde 1997 está em Berlim, ocupando a cátedra de Brasilianística, única da Alemanha, a qual conquistou por concurso público feito em 1990. Entre suas publicações, destaca-se "Quando a pátria viaja", sobre Antonio Callado, que mereceu o prêmio *Casa de las Américas* em 1983. Ela já orientou mais de 40 teses de mestrado e doutorado, inclusive o trabalho do tradutor alemão de Antonio Candido, Marcel Vejmelka, uma análise comparativa entre Thomas Mann e Guimarães Rosa, que obteve a nota máxima há quase dois anos atrás.

A antologia de Antonio Candido é a primeira de uma série que Chiappini e Vejmelka planejam organizar com a obra de grandes intelectuais brasileiros ou que, sendo estrangeiros, produziram a maior parte de seu trabalho no Brasil,

<sup>22</sup> Entrevista com Ligia Chiappini e Marcel Vejmelka, por José Galisi Filho publicada na revista online *Tropico*, site: [www.uol.com.br/tropico](http://www.uol.com.br/tropico). José Galisi Filho é doutor em germanística pela Universidade de Hannover (Alemanha). Publicado em: 02 mai. 2006. Acesso em: 30 nov. 2008.

<sup>23</sup> "Literatura e sociedade". Frankfurt am Main: Vervuert. 228 pp.



como é o caso de Otto Maria Carpeaux. De Berlim, eles falaram sobre a organização da coletânea e o estágio atual da pesquisa brasileira na República Federal.

*José Galisi Filho: Como foi organizada a antologia?*

Lígia Chiappini - Queríamos fazer uma antologia expressiva das várias etapas da obra e de suas facetas, desde textos de intervenção mais curtos e políticos, até os mais analíticos e teóricos, que tematizassem a dialética literatura e sociedade, bem como outros sobre as relações do Brasil com a América Hispânica. Depois de uma primeira seleção, remetemos o material para Antonio Candido, que acabou sugerindo novos textos, excluindo uns e introduzindo outros e, somente então, chegamos a esta estrutura dividida em quatro blocos e um apêndice.

*Galisi: A relação de Antonio Candido com a cultura alemã é prematura e decisiva na constituição de seu método. A revista Clima denunciava a versão tupiniquim do fascismo nos anos de Estado Novo. Já no pós-guerra, ele alertava sobre o perigo de uma demonização da figura de Nietzsche na tradição. Há também um ensaio inédito sobre o diário de viagem de Ernst Jünger ao Brasil. Como você vê esta relação com os “autores malditos” da modernidade e, sobretudo, a avaliação do Holocausto, cujos horrores começavam a vir a tona nesses anos?*

Chiappini - Acredito que fique evidente, não só nos textos, mas também no depoimento concedido, que registramos em vídeo, que o tempo que ele passou em Berlim, embora curto, foi fundamental para a sua visão de mundo. Até então, ele tinha uma formação muito francesa, pois seu pai viajava muito a Paris. Contudo, antes da Segunda Guerra, a família permaneceu um curto período na Alemanha. Foi então que ele se apaixonou por alguns aspectos da cultura germânica, embora sua mãe não gostasse muito dos alemães, pois os associava ao militarismo.

Como leitor precoce, ele devorou tudo que achou, frequentou museus e tornou-se muito familiar de algumas figuras da história alemã, sobretudo, Frederico I. Daí nasceu um interesse permanente, que foi se aprofundando em novas leituras. Já aos 16 anos, ele publicou um artigo no jornal de seu ginásio chamado “O Ariel”, um texto bastante pretensioso para a idade: uma análise de por que a política externa de Bismarck não tinha dado certo. O erro de Bismarck teria sido ter trocado a aliança com a Rússia por uma aliança com o Império Austro-Húngaro, já decadente. Percebemos que ele parecia muito familiarizado não apenas com Bismarck, mas também com a nobreza dessa época, que conspirava contra o Chanceler.

É muito interessante como um menino de 16 anos, num jornal de escola, propõe-se simplesmente a escrever um texto deste tipo. Antonio Candido nos autorizou a publicá-lo no apêndice, mas insistiu que não se trata de nenhuma análise interessante ou profunda, e sim de um texto ilustrativo desse interesse precoce



pela Alemanha. E realmente esse interesse precoce vai se desenvolver na juventude e maturidade, pois ele nunca mais deixou de ler e se interessar pela história alemã, apesar de não ser germanista, pelos grandes nomes da cultura alemã, sobretudo Goethe, que leu exaustivamente e do qual afirma ter formado sua visão de mundo.

Outra referência fundamental na constituição seu método analítico foi Auerbach, quando este ainda não era conhecido no Brasil. Para a leitura de Auerbach, ele foi aprender alemão. Por outro lado, foi sua militância de esquerda com uma visão não sectária da política, que lhe permitiu ter uma visão, para usar hoje uma palavra fora de moda, “dialética” de figuras como de Nietzsche, por exemplo, ou mesmo da ruptura nazista, que ele dissociava dessa matriz cultural. Sem negar a absoluta singularidade do Holocausto, ele acredita que ele poderia se repetir, dadas as mesmas condições históricas, e não como prerrogativa de uma nação.

Marcel Vejmelka - Parece-me um texto muito corajoso para a época e que se recusa a um posicionamento fácil, a saber, “estou do lado certo”. Quando se condena o Holocausto, é preciso ver que o mal está também em outras partes. É uma solução muito agradável imaginar um povo demoníaco e se eximir da própria culpa. Ele acredita que incriminar um povo para desculpar os outros não funciona. Para nós, é recompensador ler um texto deste tipo. Ele era muito polêmico há 60 anos e ainda hoje o é, sobretudo como posicionamento contra o dogmatismo da esquerda.

*Galisi: Como você enfrentou o desafio desta tradução?*

Vejmelka - Sempre achei, desde o princípio, a linguagem de Candido extremamente clara e transparente. Portanto, a tradução em si, num primeiro momento, não parece ser difícil, porque o tradutor, como leitor, acompanha o movimento desta escrita. A dificuldade foi descobrir depois as alusões e o conhecimento implícito no texto, que não é tão aparente, pois não é uma erudição que se ostenta.

Por trás desta aparente simplicidade, estão todas as leituras e referências em segundo plano. É um estilo agradável para se ler, mas provavelmente muito difícil para se escrever, imagino. Interessante para mim é como Antonio Candido mimetiza a lógica de cada autor tratado, dando forma ao tema, na exposição de uma constelação dos problemas iminentes da forma.

*Galisi: Como a clareza e a concisão do método dialético irá se adaptar numa paisagem colonizada pelo desconstrutivismo francês, como é a da universidade alemã?*

Chiappini - O lado da clareza sempre conviveu com o da obscuridade. Talvez hoje, e a partir do estruturalismo para cá, o lado da obscuridade ganhou em peso. Tenho um colega no Brasil que dizia que esta clareza seria “ideologia”. Auerbach e Marx são extremamente claros. O outro lado são Adorno e Heidegger. Os

alemães costumam dizer que, se você sacudir bem o Heidegger, não sobra muita coisa, pois a obscuridade disfarça, muitas vezes, insuficiências metodológicas.

Acredito que Antonio Candido esteja entrando na Alemanha num momento de contramão e que a obscuridade não seja apenas uma questão estilística, mas pressupõe, sobretudo, uma atitude diante da teoria e da docência. O professor tem a obrigação de ser claro. Antonio Candido foi sempre um professor claro, que pensava na formação dos alunos, no sentido clássico alemão da palavra “*Bildung*”. O aluno, para se formar, tem de ter confiança em sua própria capacidade. Um discurso claro, embora rico e erudito, desperta no aluno a impressão de que ele é inteligente o suficiente, para, através de seu próprio esforço de leitura, chegar lá.

Esta é uma grande diferença: os discursos do crítico, do professor e do ensaísta convergem, neste caso, num respeito ao interlocutor. Há também razões históricas e diferenças estruturais neste contexto universitário.

Na Alemanha, o titular dispõe de um poder desproporcional em relação aos assistentes e goza de uma série de privilégios que, na maior parte dos casos, gera uma dependência e uma subserviência de seus assistentes, uma hierarquia muito rígida e medieval para quem está em baixo. Estamos agora passando por um processo em que a tônica não é a clareza, mas, muitas vezes a invenção de teorias, mesmo que banais, disfarçadas de novas e que, para se tornarem verossímeis, têm de ser difíceis e ininteligíveis. Não estou dizendo que todos são assim, mas é uma tendência que se presta a este tipo de coisas.

Vejmelka - Nesse sentido, vejo que a dificuldade da tradução desloca-se então do plano da língua para o contexto acadêmico alemão, teórico e filosófico, carregado realmente por terminologias e sistemas autocentrados, como no caso do idealismo. Trata-se de uma gramática filosófica difícil até para os eruditos. Talvez este leitor ideal erudito possa, num primeiro momento, se decepcionar com os textos de Candido e achá-los até mesmo banais. Mas vejo aí o mesmo problema apontado pela Lígia. Nesta proliferação de esquemas abstratos e jargões, abordagens temáticas, esquece-se muitas vezes da experiência direta com o texto literário que os ensaios de Candido nos oferecem.

Num dos cursos que dei recentemente, utilizei alguns textos da antologia. No início, meus alunos achavam que tinham lido um texto muito fácil e óbvio, mas somente depois eles começavam a perceber as outras camadas de significação e as relações de contexto. É um desafio que exige paciência. Nesse sentido, a revisão da minha tradução foi feita por Willi Bolle, cujos comentários foram incorporados na tradução para esclarecer certas passagens, foi um diálogo intercultural muito interessante.

Chiappini - Certamente, quem está acostumado com isto, tenda a acreditar que Antonio Candido seja muito fácil e, portanto, não seja bom, mas há muitas pessoas por aqui que não pensam desta forma e são capazes de valorizá-lo como antídoto. Além de tudo, muitos de seus textos essenciais, agora acessíveis em alemão vão de encontro ou relativizam esta tendência, sobretudo a dos estudos culturais à maneira dos americanos, como eles são praticados na Alemanha.

Walnice Nogueira Galvão esteve aqui, convidada pela cátedra de *Brasilianistik* da Universidade Livre de Berlim, com apoio do DAAD, e fizemos um colóquio sobre a concorrência da mídia com a literatura e sua relação com a democracia, no qual a leitura de um texto do *Candido*, que está na antologia, “O direito à literatura”, revelou-se essencial, bem como um outro ensaio chamado “Estímulos à criação literária”, ainda pouco conhecido no Brasil, do qual falamos na introdução da antologia, e que poderia ser considerado um bom exemplo, *avant la lettre*, do que denomino “virada antropológica”. Trata-se de um texto que, a partir da antropologia, examina a questão do valor estético em concorrência com valores extraestéticos.

Este texto deriva de um texto anterior *Os parceiros do rio Bonito*, uma tese defendida em sociologia, mas uma tese antropológica muito nova para sua época – e agora os sociólogos e antropólogos estão valorizando muito este livro no Brasil. O texto se conecta com este livro no sentido de mostrar como que a dimensão aparentemente funcional e pragmática dos códigos alimentares nos assim chamados grupos “primitivos” contrasta com a dimensão desinteressada do simbólico.

*Candido* dialetiza esta dicotomia, a saber, uma literatura culta como expressão da dimensão desinteressada do juízo estético kantiano, enquanto que a poesia oral permaneceria na esfera meramente pragmática, para apontar a complementaridade de ambas as esferas, ou seja, como este pragmatismo e a funcionalidade, digamos, socioexistencial, existe na poesia culta e vice-versa.

É uma análise que mostra as duas coisas de uma maneira muito nova. E o que fazem os estudos culturais? Eles pegam a literatura pela temática, pela teoria, vão buscar nela uma etnicidade definida *a priori* e uma série de questões e temas, que, sem dúvida, são importantes para a atualidade, mas não vêm como estes temas são formalmente tratados como um material estético, como algo já pré-formado.

Mas eu acho que, além disto, existe uma outra questão: temos hoje uma nova hegemonia das Ciências Sociais sobre a Literatura. Paulo Lins é recebido por aqui como se fosse um sociólogo, ou até mesmo um assessor de governo para resolver os problemas da favela e nunca é indagado sobre como resolveu o problema de um ou outro personagem, que é seu “*métier*”. Isto é um equívoco de nosso tempo, mas o maior equívoco é que muitos letrados estão abrindo mão de seu “*métier*” para se improvizarem em sociólogos e antropólogos e, portanto, não acharem mais que a questão do tratamento literário da forma seja relevante, da forma sem formalismo. Acredito que Paulo Lins tenha escrito realmente um belo romance, que tem altos e baixos, e depois fez uma versão menor e mais enxuta por solicitação das editoras, que ele mesmo acha até melhor.

Ele tem a ambição de ser um bom escritor, cuida da forma e está empenhado em depurar seu estilo e não apenas em tematizar a favela. No entanto, quando ele vem aqui para ler ou falar do romance, lhe perguntam sempre coisas que não têm nada a ver com sua tarefa precípua de escritor. Quando se pega um poema feito pelo movimento negro e não se indaga pelo seu valor estético, estamos des-

respeitando este poema, estamos sendo falsamente “libertários”, porque não utilizamos para eles os mesmos critérios que valem para a alta cultura. Mas, mesmo que utilizemos critérios diferentes, temos de buscar estes critérios, não podemos simplesmente esquecer da questão estética, pois é como se estivéssemos dizendo que, para este tipo de poema, não vale a pena perguntar pelo estético, e o escritor negro quer ser um bom escritor.

Vejmelka - Gosto muito do livro de Paulo Lins, mas o problema da recepção na Alemanha é que o filme chegou primeiro. Ninguém quis publicar uma tradução antes. Somente quando o filme foi lançado a editora decidiu-se por uma tradução apressada da versão condensada. A imagem do filme superpõe-se à leitura do texto e tenho a impressão de que o leitor a percebe como uma “*pulp fiction*” e vê apenas uma violência estetizada, cheia de efeitos. Não podemos fugir do *marketing* cultural, mas até mesmo professores por aqui que ensinam literatura brasileira, acabam aderindo a esta estratégia. Passa-se a imagem de um Brasil “exótico” e de uma violência primitiva.

O livro é fruto de um conjunto de entrevistas antropológicas, de um projeto que ele nunca pode realizar, e depois foi retocado. Como tradutor, enfrento o problema da recepção sobretudo a partir do domínio da linguagem. A história da recepção de Guimarães Rosa é um bom exemplo de como um escritor de primeira grandeza é completamente diluído neste trabalho de passagem. Guimarães, que era apaixonado pela língua alemã, que lia desde os dez anos e domina todos os níveis de linguagem e da composição musical de seus textos, desaparece nas traduções. Fez-se com Guimarães o mesmo trabalho de folclorização deste tipo de recepção.

Chiappini - Lembro-me, a propósito, de uma entrevista concedida por Candido em 2002, em que ele via na Literatura uma perspectiva utópica na qual esta, ao mesmo tempo em que dá acesso aos valores da alta cultura, resgata simultaneamente a cultura popular, que se torna um conhecimento de todos. Esta utopia democrática consiste justamente na superação da distinção entre alta e baixa – embora hoje se afirme, apressada e um tanto demagogicamente, que já não há mais diferenças entre uma e outra.

*Galisi: Você está realizando um trabalho comparativo entre Antonio Candido e Angel Rama. Poderia falar sobre ele?*

Vejmelka - Embora sejam contemporâneos, eles não pertencem à mesma geração. Rama enxergou Candido como mestre, um professor com o qual ele podia aprender muitas coisas. No início, Rama era um crítico sem método e fundamento teórico. Esta metodologia ele aprendeu com Candido, quando se conheceram em Montevideu nos anos 60 e começaram uma longa amizade intelectual e uma troca de ideias.

Por outro lado, Rama foi alguém que lhe abriu os olhos para o mundo hispano-americano, cujo desconhecimento ele mesmo teve de constatar em si e tentar

superar em parte este “Tordesilhas cultural” que levava o Brasil e os países hispano-americanos a viverem de costas um para o outro. É um exemplo de como podem surgir projetos maiores a partir de uma amizade intelectual. A aproximação entre ambos é interessante na combinação do olhar sociológico com a perspectiva estritamente teórica.

Candido foi inicialmente sociólogo e depois tornou-se crítico literário. Rama era um oriundo das rodas literárias, conquistando depois para si disciplina teórica, que ele aprendeu com Candido. São dois caminhos que devem hoje ser relidos nesta convergência. Temos hoje muitos conceitos abstratos e sistemas teóricos, mas falta um trabalho de texto e falta também, na escolha dos textos, um olhar crítico que se pergunte pelo valor real de uma obra literária. Procuro comparar este diálogo de 40 anos com a produção atual em termos de América Latina.

## **7. Crítica a serviço do ser humano: um breve retrato de Antonio Candido\***

(Marcel Vejmelka)

Antonio Candido de Mello e Souza, nascido em 1918 no Rio de Janeiro, é considerado um dos pensadores mais importantes do Brasil e da América Latina. Depois de ter estudado Filosofia, em 1942 iniciou a sua carreira acadêmica como professor de Sociologia, assumindo mais tarde várias cátedras de Teoria Literária em universidades paulistas. Já cedo se dedicou também à Crítica Literária, publicando resenhas em jornais e revistas. Nessas duas áreas atuou como mestre de várias gerações de intelectuais e professores. Além disso, participa até hoje ativamente em movimentos sociais e políticos; nos anos 40 foi membro fundador do Partido Socialista Brasileiro e em 1980 do Partido dos Trabalhadores (PT). Esta variedade de suas atividades, aqui somente esboçada, mostra que Antonio Candido representa um tipo de intelectual bastante raro hoje em dia, que com o seu trabalho se coloca amplamente e com responsabilidade a serviço da sociedade. Enquanto crítico e professor, cultivava um respeito fundamental pelo ser humano, e conseqüentemente o objetivo principal de seu textos é apresentar-se com respeito aos seus leitores, seu público, seus alunos, para dialogar com eles com a maior transparência possível em pensamento e linguagem. Esta pregnância e transparência são a sua ferramenta a caminho de democratizar as artes, para defender o acesso às manifestações artísticas como direito humano. A obra completa de Antonio Candido adquiriu dimensões impressionantes, compreendendo estudos sobre literatura, cultura, sociedade e as relações existentes entre estes domínios. Destacam-se a já clássica análise da literatura brasileira enquanto sistema na *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1959), e além disso uma

\* O presente texto foi publicado originalmente em alemão na revista *Tópicos* n. 4, em 2003, no âmbito da preparação da primeira antologia de Antonio Candido em alemão, *Literatur und Gesellschaft*, org. Ligia Chiappini, trad. Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main, Vervuert, 2005, e visa apresentar o crítico a um público alemão em geral.

série de ensaios sobre a literatura brasileira, latino-americana e mundial, teoria literária e cultural assim como sobre questões sociológicas.\* Devido à forte presença da forma ensaística na sua obra, Antonio Candido é também um representante central desta rica tradição da forma curta, de importância tão decisiva no pensamento latino-americano.

Na Alemanha, Antonio Candido era até agora praticamente desconhecido fora dos círculos especializados no Brasil; uma dupla assimetria, quando se leva em consideração a grande influência que a sua obra exerce em toda a América Latina e através das fronteiras disciplinares. Já existem traduções para o inglês, o francês, o espanhol e o italiano, porém nenhuma publicação de peso em alemão, que seria a base para uma recepção mais ampla na Alemanha. Ou será a falta de interesse por parte do público leitor alemão que impede que este passo se realize? Perante esta situação, a professora Ligia Chiappini do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, catedrática de Literatura e Cultura Brasileira, decidiu organizar uma primeira seleção de ensaios de Antonio Candido, que representassem aspectos fundamentais de sua obra. Assim, se pretende convidar o leitor alemão a adentrar-se em alguns aspectos da literatura brasileira e de sua contextualização na América Latina. De interesse especial são por isso mesmo aqueles textos nos quais Antonio Candido discute e retoma pensadores alemães, onde enfrenta de maneira descontraída (mas nunca despreocupada) autores tão problemáticos como Ernst Jünger, ou onde trata de forma crítica a suas relações pessoais com a Alemanha. Mas para além dessas ligações específicas entre a Alemanha e o Brasil, a antologia deve e quer representar as dimensões mais gerais do pensamento de Antonio Candido, que enfrenta questões da função e das possibilidades da literatura no presente, mostrando-a enquanto processo histórico que se realiza através de seus efeitos sociais. Assim, Antonio Candido apresenta novas formas de leitura e aponta para aquele impulso fundamental, que não pode ser denominado imediatamente, que leva os seres humanos à leitura. Independentemente de suas origens, a literatura – representando aqui todas as manifestações culturais – se evidencia assim como objeto e ferramenta da reflexão e do conhecimento, que se objetivam socialmente a partir de sua própria subjetividade e que, seguindo as pistas do texto, passam do específico para o universal.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> \* O levantamento mais completo é apresentado por Vinicius Dantas na *Bibliografia de Antonio Candido/Textos de intervenção* (2 vols.). São Paulo, Editora 34, 2002.

<sup>\*\*</sup> Os únicos textos de divulgação e acessibilidade mais ampla eram até agora os ensaios “*Die Stellung Brasiliens in der neuen Erzählliteratur Lateinamerikas*” (“O Brasil na nova narrativa”) e “*Themen der Unruhe in der Poesie von Carlos Drummond de Andrade*” (“Inquietudes na poesia de Drummond”), ambos traduzidos por Berthold Zilly (In: Mechtild Strausfeld (org.) *Brasilianische Literatur*. Frankfurt, a.M., Suhrkamp, 1984).